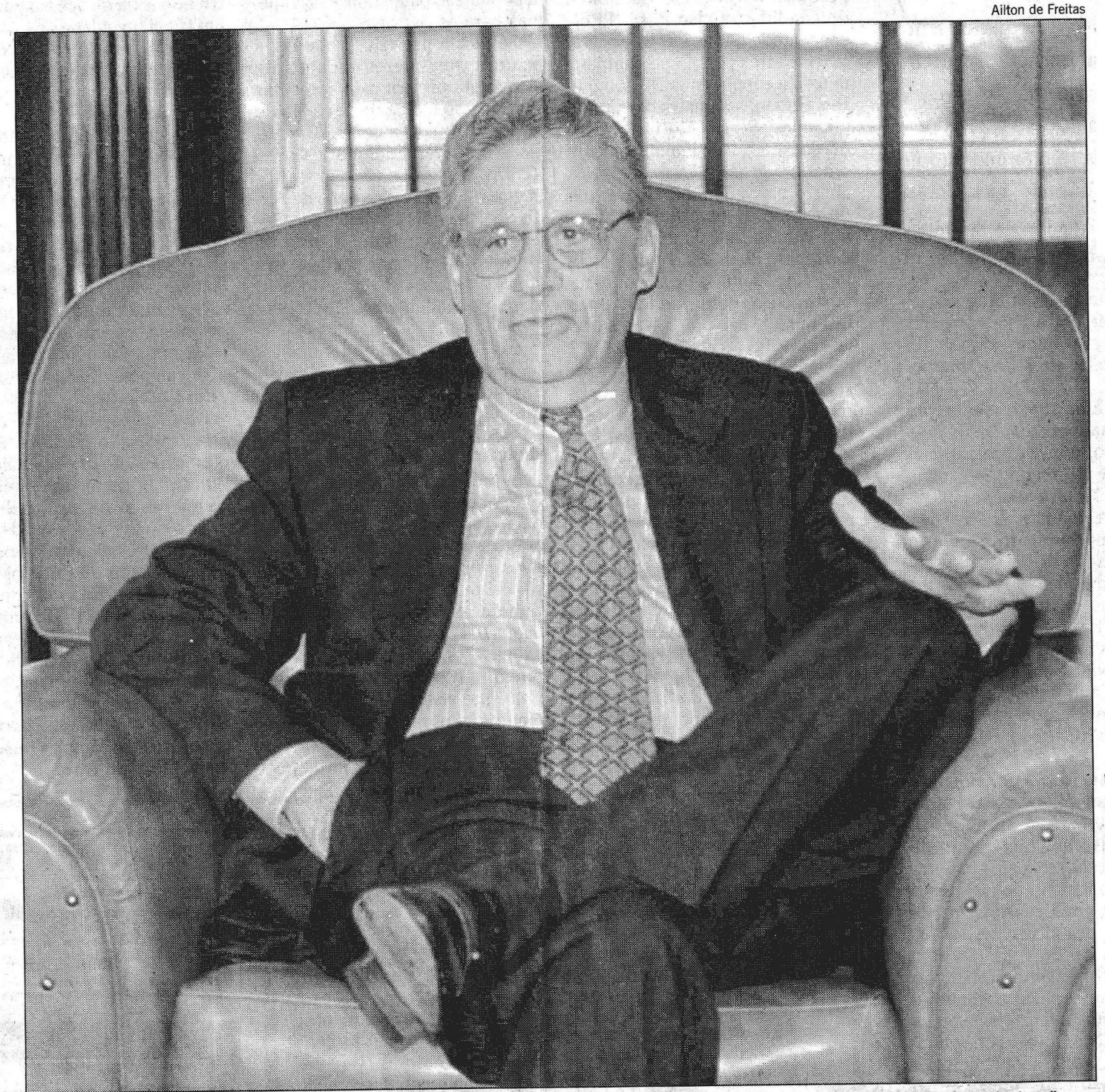
FH: brasileiro pensa como caipira

Presidente diz a jornal de Lisboa que país é provinciano ao explicar resistência a globalização

Ailton de Freitas



O PRESIDENTE FERNANDO Henrique Cardoso em seu gabinete em Brasília: "O Brasil é um país continental e, como tal, é provinciano"

Hugo Marques

Enviado especial • LISBOA

A rejeição que os brasileiros têm à globalização da economia é resultado da falta de informação e também da mentalidade caipira e provinciana. Pelo menos na visão do presidente Fernando Henrique Cardoso, que expôs suas dificuldades para inserir o país na era da globalização em entrevista ao jornal português "Diário de Notícias".

— O Brasil é um país continental e, como tal, é provinciano — disse Fernando Henrique.

O presidente comparou a resistência dos brasileiros à globalização à resistência que os EUA tinham antigamente ao contato com o exterior. Segundo ele, até hoje uma corrente da política interna americana tem uma atitude isolacionista. E são essas correntes isolacionistas que transformam o Brasil, segundo ele, num país provinciano:

— O Brasil não tem muito a noção de resto do mundo. O resto do mundo pensa que isso é desdém, e não é.

Fernando Henrique disse acreditar que a resistência à globalização, no entanto, ocorre por simples falta de informação. Superadas as dúvidas, afirmou, o brasileiro ficará encantado.

— Este provincianismo é falta de informação. Como vivi fora do Brasil durante muitos anos, vivi na Europa, na América Latina, no Chile, na Argentina, me dei conta disso. Pelo menos aqui, na América Latina, a percepção sempre foi a de que o Brasil tinha tendência hegemônica, que era subimperialista. Os brasileiros nunca souberam disso. São caipiras, desconhecem o outro lado e, quando conhecem, encantam-se. Não que todos tenham este pensamento, sem exceção, porque não têm percepção muitas vezes do significado da inserção do Brasil. Sem dúvida nenhuma, é uma variante da mentalidade *criolla* — afirmou Fernando Henrique, em referência a um comportamento supostamente provinciano e arredio dos latino-americanos.

Sobre reeleição, FH lembra que há impedimento constitucional

A chegada do presidente a Portugal tem sido tema de reportagens diárias nos jornais, já que está prevista reunião dos presidentes dos sete países de língua portuguesa para discutir atitude conjunta sobre o Timor-Leste, país ocupado pela Indonésia desde que deixou de ser colônia de Portugal, em 1975. O Brasil é o único que ainda não condena abertamente a ocupação.

Na mesma entrevista, publicada na edição de sábado, Fernando Henrique disse que o Plano Real não corre perigo. As reservas brasileiras, assegurou, estão em R$ 60 bilhões. O presidente sugeriu a Portugal que comece a converter real por escudo e pediu a criação de mais *joint-ventures* entre os países de língua portuguesa. Segundo Fernando Henrique, o crescimento da economia brasileira este ano será de 4%, apesar do pessimismo de alguns.

Indagado se será presidente no ano 2000, respondeu enigmaticamente:

— É uma posição muito estimulante, muito gratificante, mas muito penosa, até do ponto de vista físico. E, para me ajudar a não ser, temos um impedimento constitucional.

O Brasil divulgou ontem comunicado em Portugal dando apoio ao diálogo dos chanceleres de Portugal e da Indonésia patrocinado pela Secretaria-Geral da ONU. A nota diz ainda que o Brasil não é omisso com relação ao Timor-Leste. Representantes de Timor-Leste terão reunião com os presidentes dos países de língua portuguesa. Esperam, no entanto, atitude mais agressiva do Brasil com relação à invasão pela Indonésia. No início deste mês, o ex-presidente português Mário Soares criticou a omissão do Brasil no caso Timor-Leste. Na nota de ontem, o Itamaraty diz que as modestas relações econômicas do Brasil com a Indonésia não interferem na formação da atitude brasileira. ■